

DA ESCURIDÃO À CLARIDADE, DA CLARIDADE À ESCURIDÃO: VELAMENTOS E DESVELAMENTOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO LUGAR EM GUINÉ-BISSAU

From Darkness To Light, From Light To Darkness: veilings and unveilings of the religious experience in Guinea-Bissau

Nelson Cortes Pacheco Junior¹

RESUMO

Segundo Heidegger, uma característica do nosso modo-de-ser é se desvelar ou velar para o outro, onde esse velamento pode fazer referência ao oculto. Porém, em determinadas situações, é justamente no escuro que se desvelam modos de ser que são responsáveis pela constituição de uma dada lugaridade, como aborda Odete Semedo sobre a vivência em Guiné-Bissau. Assim, buscamos refletir em relação ao compartilhamento de experiências e como estas contribuem para o des-velar do *tchon* (chão) guineense, mediante a experiência religiosa, sendo fundamental para tanto a oralidade. Tal fenômeno tem o seu acontecer de maneiras diferentes tanto nas comunidades rurais (tabancas), como nas áreas urbanas. Ressalta-se que o modo de ser de uma dada religiosidade está inserido na constituição do lugar e está influencia diretamente o cotidiano dos habitantes.

Palavras- chave: Fenômeno religioso. Lugar. Des-velar. Modo de ser. Oralidade.

ABSTRACT

According to Heidegger, a characteristic of our way of being is to unveil or veil oneself for the other, where this veiling can refer to the occult, but in certain situations it is precisely in the dark that modes of being that are responsible for the constitution of a given place, as discussed by Odete Semedo about living in Guinea-Bissau. Thus, we seek to reflect on the sharing of experiences and how these contribute to the unveiling of the Guinean *tchon* (ground) through religious experience, with orality being essential for both. This phenomenon happens in different ways both in rural communities (tabancas) and in urban areas. It is emphasized that the way of being of a given religiosity is inserted in the constitution of the place and this directly influences the daily life of the inhabitants.

Keywords: Religious phenomenon. Place. Unveil. Way of being. Orality.

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). n229211@dac.unicamp.br.

✉ Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência, Universidade Estadual de Campinas. Rua Pedro Zaccaria, 1.300, Limeira, SP. 13484-350.

PRIMEIROS PASSOS

Diversos estudos apontam que desde a antiguidade a questão da religiosidade está presente no cotidiano, influenciando os diferentes modos de vida. Tal situação se notabilizou na constituição, por exemplo, das primeiras cidades (Coulanges, 2021; Rosendahl, 1994), sendo destaque em seus cotidianos. Com o passar do tempo, tais investigações privilegiaram as cidades localizadas no continente europeu, com as abordagens em relação às localidades fora deste contexto sendo analisadas mediante comparação com a maneira europeia de viver.

É notória a existência de um hiato em relação às reflexões de como a experiência religiosa também contribuiu para a constituição das localidades que eram consideradas “fora” do padrão europeu, relegando diversos povos à situação de não conhecimento do que seria religião e até mesmo imputando-lhes a ideia de não possuírem espírito (Ekeke; Ekeopara, 2010), fato justificador para uma série de ações criminosas para com tais populações durante longos períodos da história.

Entre os variados povos que sofreram essas ações, podemos citar os indígenas e outros habitantes que viviam e ainda vivem nas Américas e as sociedades locais do continente africano. Eles passaram a ser vistos pelo colonizador como os que **deveriam** ser catequizados, islamizados ou evangelizados, sem ao menos terem o direito de escolha. Nesse contexto, buscou-se a todo custo, literalmente **apagar** modos de vida, culturas e todos os demais aspectos que remetessem à preservação dos costumes dos povos citados.

Mesmo com todas as adversidades, variadas foram as formas de resistência, como por exemplo os ensinamentos transmitidos

através da oralidade, fato este reforçado pela não prática da tradição escrita em algumas áreas, passando os conhecimentos de uma geração para geração.

Sendo assim, visando contribuir para uma reflexão em relação a alguns dos grupos que sofreram as violências acima citadas, este artigo aborda a questão da experiência religiosa e as relações desta com a constituição do lugar em Guiné-Bissau. Tal abordagem ocorre como desdobramento de questões que inicialmente se apresentaram, a partir de nossa pesquisa anterior que culminou na dissertação de mestrado em Geografia, intitulada “Da capital às tabancas: A lugaridade entre os guineenses e os missionários protestantes em Guiné-Bissau” (Pacheco Junior, 2020).

São notórias as diferenças existentes entre as pessoas que compõem cada sociedade local, havendo, entretanto, um ponto em comum entre elas. Seja nas áreas urbanas ou rurais, o fenômeno religioso está inserido no cotidiano guineense, influenciando das atividades diárias de uma família à política em escala nacional, pois “a religião é um fator básico da vida dos guineenses” (Augel, 2007, p. 92), ao ponto de estar atrelado à origem de cada sociedade local.

Ressaltamos que devido à utilização controversa que o termo **etnia** carrega, ou seja, ligado à uma visão colonial depreciativa sobre determinadas populações, adotamos o termo **sociedades locais**, abordado por Amselle (2014), que aponta para os lugares onde as pessoas mantêm laços – sejam eles ancestrais ou não – entre si, com o próprio lugar e com outras sociedades, onde ocorrem o compartilhamento de experiências relacionadas ao cotidiano vivenciado por cada grupo.

Entre as diversas sociedades locais que habitam o país, oito são as que possuem maior representatividade, segundo Augel (2007): os Fula, e Mandinga, os Biafada e os Nalu que possuem origem muçulmana. As outras quatro são os Pepel, os Mancanha, os Mandjaco e os Balantas.

Alguns pontos que abordaremos a seguir são pertinentes às relações que os guineenses mantêm com o seu **tchon** (chão em Crioulo guineense), mediante à vivência religiosa. É através de tal situação como se des-velam – pensando no sentido indissociável de velamento e desvelamento dos modos de ser – segundo a premissa heideggeriana. Tal situação não ocorre da mesma maneira em todo país, sendo assim, também refletimos em relação às diferenças existentes de como o modo de ser religioso se des-vela nas **tabancas** (comunidades rurais) e nas cidades guineenses.

DO MATERIAL AO IMATERIAL: O **TCHON** COMO BASE EXISTENCIAL

Para algumas pessoas, a relação com algo material está para além do seu uso como um objeto manuseável para a realização de uma dada tarefa. Em algumas sociedades, um dado elemento material pode possuir um sentido para aquele que vivencia com o mesmo que ultrapassa a sua simples manualidade. Podemos citar e nos perguntar como exemplo: O que seria o **chão**? Um simples substrato onde colocamos algo ou sobre onde vivenciamos? Local de extração de riquezas minerais ou naturais?

Em Guiné-Bissau, o sentido e a relação do guineense com o seu **tchon** – termo que corresponde à palavra chão em crioulo falado no país – encontra-se para além da materialidade, possuindo um sentido ontológico. Esse sentimento remonta ao período do nascimento de Guiné-Bissau, como é conhecido hoje.

Ressaltamos que antes do século XIII, as primeiras sociedades locais já habitavam a região e possuíam essa afinidade com o **tchon**, que deveria ser defendido contra quem fosse considerado invasor (Lopes, 1986), motivo considerado como um dos fatores de incentivo na resistência contra a tentativa de dominação europeia dos seus

territórios, especificamente os portugueses, após o século XV (Cardoso; González, 1986; Lopes, 1986; Semedo, 2011).

Na busca por defender seu **tchon**, não ficava restrita a tentativa de impedir a extração de possíveis riquezas, sejam elas minerais ou naturais, ação atrelada ao fato do mesmo ser considerado o lugar de habitação do guineense, além de uma dádiva concedida pelo Deus Todo Poderoso, onde os seus mensageiros se manifestam no cotidiano, influenciando no modo de vida das pessoas (Augel, 2007; Semedo, 2010; Pacheco Junior, 2020).

Apesar desse sentimento em relação ao **tchon** atravessar a maioria da população guineense, independente da sua religiosidade, seja habitando nas áreas urbanas ou rurais, são nas áreas mais afastadas dos centros urbanos que este sentimento se desvela mais explicitamente no cotidiano. Assim, o **tchon** é considerado como uma mãe para o guineense, por conceder sustento, abrigo, segurança e estar atrelado ancestralmente à cada sociedade local.

São nas **tabancas** ou **tabankas**, que o compartilhamento da vivência do guineense com o seu **tchon** fica mais explícito. Estas, como apresenta Semedo (2007; 2011), são localidades situadas nas áreas rurais, onde residem pessoas que normalmente possuem laços familiares entre si. É importante mencionar que os habitantes desses lugares buscam em seu cotidiano a preservação dos costumes que constituem a identidade característica de cada sociedade local.

A questão identitária nas **tabancas** está intrinsecamente conexa ao ato da **nomeação**. Bivar (2014, p. 41), refletindo em relação ao Biafadas, sociedade local cujas pessoas habitam ao sul de Guiné-Bissau, apresenta o relato de um ancião onde é exposta a importância do nome, pois, “a importância da nomeação, da explicação, do nome dado, se dá porque aquilo que é por nós nomeado e cuja origem do nome conseguimos traçar, é nosso”.

Nesse sentido, a nomeação, conduz a tirar do velamento modos de vida, objetos e lugares que fazem parte do cotidiano nas **tabancas**. Esse ato de nomear não ocorre aleatoriamente ou sem algum critério. Normalmente, os nomes e o que deve ser nomeado são provenientes de rituais religiosos, onde os anciões e os sacerdotes possuem a incumbência de serem os responsáveis por transmitir aos demais habitantes a vontade do Deus Todo Poderoso, sendo essa vivência religiosa um dos aspectos fundamentais na constituição desses lugares.

É importante salientar a participação dos idosos e das **mandjuandadi** – grupos de mulheres que através de suas canções contam as histórias relativas à sociedade local a qual pertencem – como um dos principais responsáveis no processo de compartilhamento e preservação dos costumes nas comunidades rurais às novas gerações, reforçando a importância da oralidade no país, pois:

[...] no caso concreto da Guiné-Bissau há que conceder a devida importância à tradição oral, pois na sociedade guineense, à semelhança da maioria das outras sociedades africanas, a transmissão de informações, seja elas de que carácter forem, se processa através da oralidade e os mais velhos da sociedade são os depositários dessas informações (Cardoso; González, 1986, p. 54).

Quando vivenciamos como o guineense valoriza o seu **tchon**, é inevitável não associarmos com algumas reflexões em relação a importância do lugar como base da nossa existência, como logo nas primeiras páginas de O Homem e a Terra, explicita Dardel (2015, p. 2-3), “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (**géographicité**) do homem como modo de sua existência”.

Outro fato que reforça essa ligação é a questão identitária de cada sociedade local buscar se manter atrelada ao seu lugar de origem. Tal situação, como citamos em trabalhos anteriores (Pacheco Junior, 2020), é uma questão bastante relevante, principalmente quando relacionada à experiência religiosa, em que mesmo o habitante de uma determinada **tabanca**, adepto da religião natural, que vai residir em algum centro urbano, acaba retornando para praticar algum cerimonial relacionado à sua religiosidade.

Essa situação explicita a importância do lugar em relação à identidade de cada pessoa, como aborda Marandola Jr. (2012, p. 228), onde “é pelo lugar que nos identificamos, ou mesmo nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo”. Quando adentramos à **tabanca** e passamos pelas moradias, bem como as áreas de circulação comum, observamos as marcas e símbolos que cada habitante imprime no lugar. Podemos citar aqui alguns exemplos, como o lugar onde está enterrado uma pessoa querida, a maneira como é disposta o poço de água potável, importantíssimo no dia a dia e os lugares relacionados à religiosidade do guineense.

O fenômeno religioso possui grande destaque no cotidiano, ganhando destaque de centralidade na paisagem de um dado lugar, seja pelo adepto das religiões naturais, que abordaremos adiante, seja pela presença de guineenses que professam tanto o islamismo, como o protestantismo (Pacheco Junior; Bernardes, 2021).

A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A SUA INSERÇÃO NO COTIDIANO GUINEENSE

Semedo (2011), aponta que o visível e o invisível é um fator intrínseco do cotidiano guineense. Tal afirmação, faz referência às diferentes maneiras como são vivenciadas as religiosidades no país. A existência do sincretismo religioso associado à tolerância

contribui para des-velar a relação existente entre a experiência religiosa e como a mesma está inserida na constituição do lugar.

Consideramos a experiência como sendo a ocupação que se experimenta, não apenas no sentido de termos conhecimento sobre a existência de um dado fato, mas como aborda Heidegger (2014, p. 14), com o “**confrontar-se com** o que é experimentado, o afirmar-se das formas experimentadas”. Esse **confrontar-se com**, se dá através da experiência diária, não apenas no sentido do embate bipolarizado, por exemplo sagrado x profano, e sim o confrontar-se com algo buscando o entendimento e a reflexão em relação ao mesmo. Mediante tal embate, algumas situações antes veladas podem ser desveladas.

A questão que diz respeito ao velamento e o desvelamento, em alguns casos, emerge como modo de eclipsar o outro e a sua religiosidade considerada inferior. Quando refletimos sobre a religiosidade vivenciada pelas sociedades locais em Guiné-Bissau, passamos a enfrentar questionamentos que atravessam as reflexões sobre o modo de ser religioso de sociedades locais que habitam outros países do continente.

Normalmente, tais questionamentos estão ligados à uma visão europeia colonialista que se tornou hegemônica para desqualificar as **religiões tradicionais africanas**, termo este adotado por Lopes (2015), para indicar que não existe apenas um modo de religiosidade no continente, mas sim diversas. Ainda segundo a visão colonialista – que ganha destaque com a culminância das Grandes Navegações a partir do século XV – o termo religião não deveria ser utilizado para nomear um modo de ser religioso no continente africano que estivesse relacionado à qualquer Religião Tradicional Africana, ou no caso guineense, às religiões naturais.

Para embasar tal colocação, alegava-se que os habitantes do continente africano não possuíam história e, conseqüentemente, religião. Quando abordavam alguma religião originária da África, caracterizavam-na como **primitiva**, de **fetichismo** ou, como se tornou mais conhecida popularmente, como **animista**.

Observa-se a imposição de um discurso baseado inicialmente em relatos de alguns missionários provenientes do catolicismo e depois protestantes, que buscavam descaracterizar ou mesmo apagar qualquer forma de religiosidade que fosse originária do continente africano. Uma nítida tentativa de jogar no abismo do esquecimento e velar, se possível, a existência das religiões tradicionais africanas.

Esse discurso preconceituoso e colonialista possui reverberações que se espraiam para além da questão da religiosidade, atingindo também a maneira como os lugares são constituídos, pois como citamos, seria uma tarefa hercúlea refletir sobre o lugar em Guiné-Bissau sem considerar o modo de ser religioso, visto que é através das pessoas e seus modos de ser no lugar que a religiosidade e suas manifestações se desvelam.

Visando um melhor entendimento, vamos refletir em relação a dois modos de ser religiosos que vivenciamos nas **tabancas** e cidades do país (Pacheco Junior, 2022), o primeiro referente ao cotidiano dos adeptos das religiões naturais. Já o segundo se debruça sobre os guineenses que se tornaram protestantes.

O ESTAR-JUNTO E O MODO DE SER DAS RELIGIÕES NATURAIS E DO PROTESTANTISMO

Como citamos anteriormente, o sincretismo e a tolerância religiosa estão presentes no cotidiano, com diversos modos

de religiosidades convivendo **lado-a-lado**, ou mesmo se interpenetrando. Esses movimentos se desvelam nos lugares – mediante um estar-junto ao outro – que pode não compartilhar do mesmo pensamento religioso. E no caso dos guineenses – ligados entre si pela relação com o **tchon** – a religião se torna mediadora no âmbito das relações das pessoas com o lugar.

Entre as religiosidades vivenciadas na Guiné-Bissau, escolhemos duas que contribuem para com a reflexão em relação ao lugar: a experiência das pessoas que são adeptas das religiões naturais e os guineenses que escolheram o modo de vida predominante protestante.

Não é novidade que a relação dos guineenses com o sobrenatural a partir da experiência religiosa é de uma importância ímpar no contexto do país, pois a religiosidade está ligada à origem de cada sociedade local – conhecida pelos guineenses como **Djorson** – que habitam o país. Cada uma possui suas divindades que, por sua vez, respondem ao Deus Todo-Poderoso, professado pela maior parte da população – comumente conhecidas como animistas (Augel, 2007; Semedo, 2010).

Esse termo é contestado por diversos autores e guineenses por ser utilizado de maneira pejorativa e preconceituosa, não apenas em relação aos religiosos, mas também aos Pepel, Mancanha, Mandjaco e Balanta (Pacheco Junior, 2020). Na inexistência de um termo que consiga expressar toda a diversidade existente dessa vivência religiosa, optamos por adotar a maneira como estas são denominadas por Augel (2007) e Semedo (2007; 2010), que as nomeiam de **religiões naturais**, pois além de estarem ligadas à origem de cada sociedade local, também se vinculam aos elementos da natureza e ao culto aos antepassados.

O protestantismo – diferentemente das religiões naturais – não é originário do país, podendo ser considerado um modo de ser religioso

recente, se pensarmos o contexto histórico do país. Segundo Formenti (2014; 2017) e Brierley (1955), o início ocorreu devido à presença de missionários protestantes no país a partir de 1939, ressaltando que até o ano citado anteriormente, o monopólio da implantação de missões cristãs pertencia à Igreja Católica Apostólica Romana, com a Concordata e o Acordo Missionário entre Portugal e o Vaticano, onde segundo Ambra Formenti (2017, p. 7):

Foram assinados em 1940, onde o governo português, comprometeu-se a apoiar o trabalho religioso e social das missões católicas em seus territórios ultramarinos, limitando a instalação de missões não católicas. Em troca, a Igreja Católica passou a atuar nas áreas de saúde e educação nesses territórios.

Tal passagem esclarece sobre como refletirmos a imposição do governo colonial em relação à população guineense, que em diversas situações buscou resistir ao domínio estrangeiro. Assim, através da inserção de diferentes perspectivas religiosas, buscava-se **acalmar** os habitantes do país que defendiam o **tchon** contra o domínio externo, o que para eles, ultrapassa o sentido de uma localidade habitada, sendo uma das motivações do próprio existir, na visão das religiões naturais, como do guineense independente da sua religião.

A partir do momento que os guineenses foram se tornando protestantes, passaram a liderar o segmento religioso e estes se dirigiram às tabancas, principalmente a partir dos anos 2000. Essa visão em relação ao **tchon** também foi incorporada ao modo de ser protestante no país, com algumas adaptações, porém mantendo o sentido e carinho em relação ao **chão guineense**.

O TCHON COMO PARTICIPANTE DO FENÔMENO RELIGIOSO

No título deste trabalho, citamos a relação entre a claridade e a escuridão que está inserido no modo de ser do ente que cada um de

nós somos, como reflete Heidegger (2018a). Tal situação contribui para estarmos propensos tanto a nos velarmos como desvelarmos ao mesmo tempo, pois sempre existem aspectos da nossa vivência que são ocultados. Um dos fenômenos expostos pelo des-velar ocorre através da religiosidade e a forma como esta constitui e influencia o lugar.

Assim, diferentemente em relação ao que se convencionou, nem sempre a escuridão conduz ao ocultamento e a claridade ao desocultamento de alguém ou algo. Quando refletirmos em relação ao tema no âmbito da vivência religiosa guineense, observa-se que justamente na escuridão da noite – principalmente nas **tabancas** – é que ocorre o desvelar do fenômeno religioso mediante às cerimônias religiosas, sejam eles provenientes dos ritos das religiões naturais ou protestantes.

A escuridão proporciona o desvelamento do **tchon** como elemento não apenas material, mas como participante do fenômeno religioso, em que as pessoas vivenciam este através do **confronto-com** o experimentado, onde o ente que cada um de nós somos atua ativa e passivamente no mundo. Ou seja, o fenômeno religioso se desvela e se integra na constituição do lugar mediante ao compartilhamento das experiências entre as pessoas, nesse estar-junto com o outro, condição esta que reafirma o caráter que somos ser-aí no mundo.

Esse compartilhamento das experiências religiosas está intrinsecamente ligado ao modo de ser do guineense, sendo um dos fatores que influenciam diversos aspectos do cotidiano seja na vida comunitária, na política, na economia entre outros. Na maioria das situações, os lugares ganham significado devido à uma orientação de caráter religioso (Augel, 2007; Bivar, 2014; Semedo, 2010), demonstrando a importância da vivência, pois como aborda Heidegger

(2014, p. 12), “tudo que é experimentado na experiência fática da vida carrega o caráter de significância”.

Dotar um dado lugar de significância contribui para desvelamento não apenas da importância do fenômeno religioso, mas para o desvelar de outra experiência, relacionada à manifestação do sagrado. Vale ressaltar que durante um longo período, pensar o sagrado relacionado à religiosidade da população africana e a influência deste no lugar foi uma tarefa árdua, quando levamos em consideração o equivocado entendimento que o povo africano não possui história e por sua vez religião (Appiah, 1997).

Tempels (2022), revela que existiam abordagens que alegavam que os **povos primitivos da África**, não possuíam sistema de pensamento, sendo assim, não podendo ser considerados “homens”. O próprio autor reconheceu essa visão **míope** e preconceituosa da realidade ao apresentar o modo de ser religioso do africano, onde existem riquíssimos sistemas de pensamentos relacionados ao fenômeno religioso e como estes influenciam no cotidiano dos lugares.

Uma das possíveis causas para a imposição do pensamento europeu em relação ao africano relacionado à prática religiosa ocorre, segundo Lopes (2015), por um fenômeno que ele nomeia como **desafricanização cultural-religiosa**, que se inicia nas primeiras tentativas de colonização do continente, visando a tentativa de intimidação e ao desaparecimento do conjunto de crenças, modos de vida, culturas, identidade e valores das sociedades locais africanas.

Como estratégia para vencer essa tentativa de solapamento cultural-religioso do modo de vida do guineense é fundamental a questão da oralidade, fato este que reforça a importância da linguagem.

A ORALIDADE E A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO LUGAR

Como exposto em relação à constituição do lugar em Guiné-Bissau, temos que considerar a importância da oralidade para a transmissão de ensinamentos dos mais variados aspectos da vida do guineense e como resistência da manutenção do modo de vida nas **tabancas**. Como em outras localidades do continente africano, a chamada tradição escrita não prevaleceu em relação à oralidade, pois:

[...] em grande parte da África negra não existe uma tradição islâmica, ou, a rigor, nenhuma tradição escrita. O sentido em que existe uma tradição filosófica é, como sugeri antes, o fato de haver uma filosofia popular oral, cuja autoridade reside basicamente em sua pretensa antiguidade, e não na qualidade do raciocínio – ou das provas – que a sustentam, e que costumam poder tratar a atividade crítica como desinteressada (Appiah, 1997, p. 134).

É a filosofia popular que é responsável por passar de geração em geração os aspectos relacionados ao sentido de ser guineense. Esse fato é mais notoriamente vivenciado nas **tabancas**, onde o fenômeno religioso se des-velar e influência de maneira incisiva no cotidiano. Nesse contexto, a sabedoria popular das pessoas mais idosas e das mandjuandadi, “são coletividades majoritariamente femininas, com membros de aproximadamente a mesma idade. Vivendo por vezes em tabancas e se juntam em confraternizações e em cerimônias” (Semedo, 2007, p. 59), são fundamentais para a disseminação das cantigas.

As cantigas de **ditu** são contadas nas cerimônias e celebrações especiais (Semedo, 2007; 2010). Assim, a importância do lugar é repassada para os mais jovens, o **tchon**, para si e para a coletividade. A oralidade possui um importante papel em relação à vivência religiosa no lugar, uma vez que a maioria dos habitantes das

tabancas são adeptos das religiões naturais, apesar do sincretismo religioso estar inserido no dia-a-dia do guineense.

Pensando na vivência do modo de ser religioso no lugar, um outro fator que contribui para a oralidade para além da questão da escrita é o fato da não existência de uma imagem corporificada, ou imagem atribuída ao Ser Supremo nas religiões naturais, pois o conceito de Deus está profundamente enraizado em uma ontologia de que o Ser Supremo é único e nada é comparável a Ele (Ekeke; Ekeopara, 2010, p. 24). Tal fato é relevante quando refletimos sobre o sucesso não esperado da empreitada dos missionários católicos no interior do país, a partir da utilização por parte dos mesmos de imagens que representam a sua religiosidade.

A oralidade, seja por parte das **mandjuandadi**, da sabedoria dos mais idosos, dos sacerdotes das religiões naturais e dos pastores protestantes guineenses, contribui para o des-velar do fenômeno religioso no lugar. Essa situação, reforça a importância da linguagem, pois:

A linguagem não é apenas – e não é em primeiro lugar – uma expressão oral e escrita do que importa comunicar. Não transporta apenas em palavras e frases o patente e o latente visado como tal, mas a linguagem advém, como no ser da pedra, da planta, do animal, também aí não há abertura alguma do ente e, conseqüentemente, também nenhuma abertura do Não ente e do vazio. Só na medida em que a linguagem nomeia pela primeira vez o ente é que um tal nomear traz o ente à palavra e ao aparecer (Heidegger, 2019, p. 61).

Como exposto por Heidegger (2019), a linguagem é um dos caminhos possíveis para o desvelamento dos fenômenos no lugar. Quando da nomeação de um ente, este se desvela. Como exemplo, pode uma árvore ou outro elemento da natureza possuir sacralidade para quem os nomeia e os relacionam com uma dada religiosidade.

Ao se compartilhar essa experiência com o outro e mediante aos cerimoniais, estes podem contribuir para o desvelamento do lugar como sagrado.

O DES-VELAMENTO DO SAGRADO NAS RELIGIÕES NATURAIS

A reflexão em relação aos lugares e como a experiência religiosa está na constituição dos mesmos se faz necessária, pois o modo de ser-no-mundo que cada um de nós possuímos é um dos fatores responsáveis para o acontecer do fenômeno religioso e este necessariamente se des-vela no lugar.

Partindo dessa perspectiva fenomenológico-existencial, consideramos que o lugar não é algo aleatório existente no espaço. É no lugar que o ser-aí que somos vivencia o encontro com o outro, compartilhando o dia-a-dia, sendo considerado fundante para a nossa experiência de ser-e-estar-no-mundo.

Nesse cerne, é no lugar que o modo de ser se des-vela, ressaltando que esse des-velamento é dotado de dinamismo, com as experiências não ocorrendo de maneira estática e as lugaridades contribuem para o des-velar das experiências religiosas. Tais fatos ocorrem devido a nossa relação como seres em movimento com os lugares, vivenciando-os de maneira situada como seres-em-situação (Marandola Jr., 2012, 2021; Relph, 2012; Saramago, 2008).

Nesse contexto, emerge uma questão identitária que existe entre o modo de ser das pessoas adeptas às religiões naturais com o lugar, refletindo que em cada identidade reside a relação com o *tchon*, sendo este como mediação, uma ligação, uma síntese (Heidegger, 2018b), ou seja, a existência desse modo de ser religioso e do *tchon* estão intrinsecamente ligados, sendo que qualquer um que se ausente dessa relação pode desfazer a identidade do outro.

Assim, através da lugaridade demonstrada pela intrínseca relação do guineense com o *tchon*, podemos refletir em relação ao des-velar da experiência fática religiosa e como essa vivência contribui para que um dado lugar seja considerado sagrado, ressaltando que o sagrado normalmente gera um significado para quem nele acredita, sendo considerado complexo para o entendimento humano, pois apresenta componentes racionais e irracionais que podem se revelar ou não. (Bello, 2019; Eliade, 2005).

A manifestação do sagrado em Guiné-Bissau é um fenômeno que está inserido no cotidiano. O sincretismo religioso contribui para que os ritos das diversas formas de religiosidade não sejam impeditivos para os adeptos das religiões naturais realizarem suas cerimônias e participarem de outras oriundas de outra religião, pois segundo Awolalu (1976, p. 1), a religião natural:

é a religião que resultou da fé sustentada pelos antepassados dos atuais africanos, e que está sendo praticada hoje em várias formas e vários tons e intensidades por um número muito grande de africanos, incluindo os indivíduos que se dizem mulçumanos e cristãos.

Para os adeptos das religiões naturais, as **balobas**, templo tradicional onde se realizam as cerimônias dos irans ao Ser Supremo, são consideradas como lugares sagrados (Semedo, 2007). Normalmente construídos com palha e madeira, são os locais onde o sacerdote *djambaku*, *baloberos* e os *morus*, recebem as designações e fazem os pedidos dos adeptos aos irans para que cheguem até o Ser Supremo.

Ressaltamos que o *tchon* em si também é revestido por sacralidade pelo fato de o mesmo ter sido concedido a todos pelo Ser Supremo. Diferentemente de outras formas de religiosidade, nas religiões naturais em Guiné-Bissau – assim como nas demais chamadas religiões

naturais africanas – não temos a existência de templos para cada *iran*, no caso guineenses, pois as **balobas** que existem são dedicadas ao Ser Supremo.

O des-velamento nesse sentido duplo de velamento e desvelamento, ocorre a todo tempo no lugar no âmbito das religiões naturais, pois como na maioria das religiões oriundas do continente africano, a religião se constitui na própria vida (Mbiti, 1990, p. 32).

Como constituintes desse desvelamento do modo de vida do adepto das religiões naturais, estão também a veneração aos antepassados e aos elementos naturais presentes no *tchon*, como a vegetação, os animais e as plantações. Como exemplo – que atravessa diferentes maneiras de como a religiosidade é exercida no país – estão as árvores, que possuem um sentido para além de fornecerem frutos ou sombra em dias ensolarados. Elas fazem parte da ritualidade que revela o seu sentido de existir para o adepto das religiões naturais. A árvore deixa de ser eclipsada e surge como abertura, como um caminho para o que está velado, o irã ou o Ser Supremo que emerge da escuridão do cerimonial noturno e se desvela para os que o cultuam.

Essa importância dos elementos naturais se faz presente nas diversas maneiras de como a religiosidade é exercida no continente africano. Tempels (2022, p. 47), afirma que “certos fenômenos naturais, rochas, cachoeiras, grandes árvores, podem ser considerados, como manifestações do poder divino”.

A **tabanca** é considerada o lugar das religiões naturais e é para lá que se dirigem os adeptos das religiões naturais que residem nas cidades, quando necessitam realizar alguma cerimônia ou consultar o sacerdote. Podemos considerar essa relação do guineense com o seu lugar, como possuidora de um sentimento geopiedoso, que ocorre mediante o relacionamento entre os homens, Deus e a

natureza (Tuan, 1976). Esse sentimento se demonstra com essa busca incessante do guineense de manter relação com o seu *tchon*, buscando valorizá-lo.

O MODO DE SER PROTESTANTE E SEU ADENTRAR NA TABANCA

Em trabalhos anteriores, Pacheco Junior (2020, 2022); Pacheco Junior; Bernardes (2022), vivenciamos o cotidiano dos guineenses que se tornaram protestantes e passaram a disseminar este modo de ser religioso. Nas cidades guineenses, ocorreu nos últimos anos uma rápida disseminação do protestantismo, onde o missionário estrangeiro, aos poucos, passou a ser substituído.

Esse fato contribui para o que o protestantismo se adequa-se ao modo de ser do guineense. O *tchon* continua sendo considerado importante como elemento que liga a pessoa ao seu país, mas perde o seu caráter de sacralidade, sendo considerado como uma benção de Deus, mas sem ligação direta com culto ao Mesmo. Apesar de serem utilizados, outros elementos naturais – como a árvore abrigo para os cultos e ensinamentos – também passaram a ser consideradas apenas no seu aspecto material.

Ao adentrar as **tabancas**, o protestantismo contribuiu para uma nova percepção em relação ao lugar por parte do habitante guineense. Este continua a possuir um sentido de abrigo, de uma ligação com a sua origem, mas, o guineense, ao “aceitar, o como da postura da vida cristã, afeta o como do seu comportar-se na vida fática” (Heidegger, 2014, p. 84). Tal situação causa a mudança em relação ao sentido de lugar sagrado na tabanca que deixa de ser a **baloba** ou outro ponto da comunidade e passa a ser centralizado no Templo, que normalmente é erguido no centro da tabanca., estabelecendo com isso uma territorialidade buscando fortalecer

a presença desse segmento na tabanca (Pacheco Junior, 2020; Rosendahl, 2010).

A presença do templo protestante na **tabanca**, de certa maneira, busca eclipsar outros lugares que possam ser considerados sagrados. Conforme Rosendahl (2004; 2018), essa inserção na paisagem criada por um dado grupo religioso, em nosso caso o protestante, visa o desejo de reproduzir sua própria visão de mundo.

Não é apenas a alteração na paisagem que o fato ocasiona, mas também a vivência cotidiana que passa a ser constituída pelos modos de ser protestante, modo de ser do habitante da **tabanca** e não muito raro, também pelo modo de ser como adepto das religiões naturais.

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

Concordamos que o lugar sagrado como abordam Tuan (1976, 1978) e Rosendahl (2010, 2018), é ritualmente extraordinário, onde a pessoa mantém uma ligação com a sua crença e com o outro que compartilha a sua vivência. Devido à diversidade religiosa existente em Guiné-Bissau, várias localidades se tornaram sagradas para diferentes credos.

Essas relações entre as pessoas – apesar da não existência aparente no país de extremismos quanto à prática religiosa – não ocorrem sem tensionamentos, principalmente para quem cultua as religiões naturais que estão diretamente relacionadas com o **tchon**, como terra natal. Nesse relacionamento, como aborda Marandola Jr (2012 a, p. 242), “estão fundadas a memória coletiva, a identidade e os laços compartilhados que nos mantêm ligados ao mundo”.

Indagações emergem não apenas em Guiné-Bissau, mas em todos os países do continente onde se tem a presença de diversos modos de religiosidade. Quais as implicações que os guineenses que se

tornaram protestantes podem ocasionar ao modo de ser das pessoas que cultuam as religiões naturais? E como tais consequências se desvelam no lugar? Questões que não possuem respostas prontas, mas têm a sua importância, quando da reflexão que o modo como os lugares são constituídos no país, principalmente nas áreas rurais estão diretamente relacionados ao fenômeno religioso. Quem sabe tais questionamentos possam ser respondidos em uma próxima oportunidade. ☉

REFERÊNCIAS

- AMSELLE, Jean- Loup. Etnias e espaços para uma antropologia topológica. In: AMSELLE, Jean- Loup; M'BOKOLO, Elikia. **Pelos meandros da etnia**. Etnias, tribalismo e Estado em África. Mangalde: Edições Pedagogo, LDA, 2014.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombros**. Nação, Identidades e Pós-Colonialismo na Literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.
- AWOLALU, Joseph Omosade. “Whats is African Traditional Religion? **Studies in Comparative Religion**, 10, p. 4-20, 1976.
- BELLO, Angela Ales. **O sentido do sagrado da arcaicidade à dessacralização**. Trad. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves; Dilson Daldoce Junior. São Paulo: Paulus, 2019.
- BIVAR, Manuel. **Os Chãos dos Biafadas**. Memória e território em Quinara, sul da Guiné-Bissau. Niterói: Ed. UFF, 2014.
- BRIERLEY, Leslie. A obra evangélica na Guiné Portuguesa. **Portugal d'Aquém d'Além Mar**, 73, p. 63-64, 1955.

Da escuridão à claridade, da claridade à escuridão: velamentos e desvelamentos da experiência religiosa no lugar em Guiné-Bissau
Nelson Cortes Pacheco Junior

CARDOSO, Carlos; GONZÁLEZ, David. Reconstrução da História Contemporânea da Guiné-Bissau através da oralidade: abordagem, dificuldades e perspectivas. **Soronda - Revista de Estudos Guineenses**, 1, p. 39-67, 1986.

COULANGES, Numa-Denys Fustel de. **A Cidade Antiga** – Um Estudo da Religião, do Direito e das Instituições da Grécia e Roma. Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Montecristo Editora, 2021.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. Natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2015.

ELIADE, Mircea. **The myth of the eternal return**. Cosmo and History. Princeton: Princeton University, 2005.

EKEKE, Emeka C.; EKEOPARA, Chike A. God, divinities and spirits in African traditional religious ontology. **American Journal of Social and Management Sciences**. Colorado, 1(2): 209-218, 2010.

FORMENTI, Ambra. **Going for God: Mobility, Place and Temporality among Evangelical Guineans in Lisbon**, 2014. Tese (Doutorado em Antropologia). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais / Universidade de Lisboa, p. 341.

FORMENTI, Ambra. Rumo a uma fé global: História do movimento evangélico na Guiné-Bissau. **Etnográfica**, 21, p. 293-218, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Trad. Enio Paulo Giachini; Jairo Ferrandin; Renato Kirchner. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018 a.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. Trad. Ernildo Stein. Petrópolis: Editora Vozes 2018 b.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Trad. Maria da Conceição Costa. Coimbra: Edições 70, 2019.

LOPES, Carlos. A Guiné-Bissau a procura de um modelo social. **Soronda – Revista de Estudos Guineenses**, 1, p. 5-38, 1986.

LOPES, Pedro João Pereira. Religião Tradicional Africana em Moçambique: Seu Fundamento e Persistência. **Debate: artes e cultura**, p. 1-27, 2015.

MARANDOLA Jr, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2012.

MARANDOLA Jr, Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**. Crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

MBITI, John Samuel. **African Religions and Philosophy**. Oxford: Heinemann Education Publishers, 1990.

PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes. **Da capital às tabancas: A lugaridade entre os guineenses e os missionários protestantes em Guiné-Bissau**, 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia). Campos dos Goytacazes: Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional / Universidade Federal Fluminense, p. 164.

PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes. Do asfalto à estrada de barro: vivências na tabanca de Sabor Balanta em Guiné-Bissau. **Anais do evento em comemoração aos 20 anos do Programa de Pós-Graduação em Geografia (IG-UNICAMP)**. Campinas: PPGGeo, 2022.

PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes; BERNARDES, Antonio. O modo de ser da experiência protestante: vivências na tabanca de Quidete em Guiné-Bissau. In: OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de; SOUZA, José Vilmário de S. **Conexões Geográficas 2: Múltiplos Olhares**. Belém: RFB, 2021.

PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes; BERNARDES, Antonio. Modos de ser e a constituição do lugar: compartilhando experiências no tchon guineense de Camabassai. **Boletim GeoÁfrica**, 4, p. 40-50, 2022.

Da escuridão à claridade, da claridade à escuridão: velamentos e desvelamentos da experiência religiosa no lugar em Guiné-Bissau
Nelson Cortes Pacheco Junior

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. Trad. Eduardo Marandola Junior. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2012.

ROSENDAHL, Zeny. **Porto das Caixas:** espaço sagrado da baixada fluminense, 1994. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, p. 266.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião:** Uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL. **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na Geografia.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2018.

SARAMAGO, Ligia. **A Topologia do Ser.** Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. As cantigas medievais e as cantigas de dito: uma leitura comparada possível. **SCRIPTA**, 20, p. 57-78, 2007.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi:** cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura, 2010. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua /Portuguesa. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, p. 451.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **Guiné-Bissau.** História, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

TEMPELS, Placide. **Filosofía Bantú.** El pensamiento abstracto: el Ser Bantú, la fuerza y el poder. Barcelona: Ediciones Exodus, 2022.

TUAN, Yi-Fu. Geopietty: a theme in Man's Attachment to Nature and to Place. In: LOWENTHAL, David; BOWDEN, Martyn J. **Geographies of the mind.** Essays in historical geosophy. New York: Oxford University Press, 1976.

TUAN, Yi-Fu. Sacred Space: explorations of an Idea. In: Butzer, Karl W. **Dimensions of Human Geography.** Essays on some familiar and neglected themes. Chicago: The University of Chicago, 1978.

Submetido em novembro de 2023.

Revisado em fevereiro de 2023.

Aceito em março de 2024.